



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

## IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS E NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

**Alana Morari<sup>1</sup>, UNISC**

**Joaquim Rauber<sup>2</sup>, UFRGS**

**RESUMO:** Algumas reflexões são trazidas a cerca das práticas pedagógicas de geografia existentes nos anos iniciais e anos finais do Ensino Fundamental, etapa da Educação Básica. A partir de um viés histórico de constituição dessa etapa de ensino, surgem algumas problematizações como, a falta de formação dos professores, a disposição conteudista e livresca dos conceitos geográficos, que fazem da geografia uma ciência resumida e descontextualizada. Em contramão, a possibilidade da alfabetização cartográfica aponta novos sentidos para as aprendizagens tanto dos educandos, como dos educadores dos anos iniciais e finais. Ainda, neste cenário, a postura do professor como potencializador de sujeitos críticos capazes de estabelecer relações podem apontar para novos paradigmas educacionais. Para tal estudo realizou-se leituras relacionadas ao tema, tais como: Pacheco(2013), Freire(1984), Santos(2004), Costella (2014) e Larrosa (2010).

**Palavras-chave:** Prática pedagógica; Ensino Fundamental; Ensino de Geografia; Alfabetização Cartográfica.

### INTRODUÇÃO:

#### **Anos iniciais e anos finais: um breve viés histórico**

Situamos brevemente, quando surgem as etapas do Ensino Fundamental e o atendimento dessa faixa etária pela instituição escolar.

Com a Lei n.º 5.692/71, a escola primária e o ginásio uniram-se, e a partir de então denominados de ensino de 1º grau. O antigo colégio passou a se chamar ensino de 2º grau. O ensino obrigatório estendeu-se, assim, para oito anos, embora a junção dos termos não correspondesse a uma organização integrada das oito séries. As quatro primeiras séries continuaram a ser atendidas por um único docente, do qual não era exigido nível superior, mas formação para magistério em nível médio, o Curso Normal.

---

<sup>1</sup> Pedagoga. Mestranda em Educação/ Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC;

<sup>2</sup> Licenciado em Geografia. Mestrando em Ensino de Geografia – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

As quatro séries finais do 1º grau e o 2º grau permaneceram divididas em disciplinas ministradas por diferentes docentes, dos quais se exigia, ao menos formalmente, educação superior.

O Ensino Fundamental, segunda etapa da Educação Básica foi introduzido com a promulgação da Constituição Federal de 1988 que explicitava, no artigo 208 inciso I, o direito de todos os brasileiros a este nível de ensino, ao afirmar que: “o dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: “I – ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria”.

Com essa alteração legal o sistema educacional brasileiro passou por um processo de modificação, culminando com a aprovação da atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n.º 9.394/96). De fato, a LDB 9394/96 alterou a organização do sistema escolar, bem como sua denominação. Porém historicamente o processo de modificação fora muito mais com a relação a nomenclatura do que a seriação e fragmentação advinda das escolas primárias e dos ginásios.

O artigo 208 Inciso I, da Constituição Federal/88 foi alterado pela redação dada pela Emenda Constitucional nº 59, de 2009 a qual assegura que: “a educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria”. Atualmente, tanto as anos iniciais como os finais, compreendem uma significativa etapa da Educação Básica: o Ensino Fundamental. Observemos que, o Ensino Fundamental pode se consolidar na maior etapa que compreende a educação básica, ou seja, a que mais tempo as crianças permanecem na escola.

## **METODOLOGIA**

Para a pesquisa em questão, realizaram-se leituras de autores tais como: Pacheco (2013), Freire(1984), Santos (2004), Costella (2014) e Larrosa (2010), aliados a prática e experiência na Educação Básica que os pesquisadores possuem. Buscou-se aliar teorias e práticas a observações do contexto educacional atual.



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

## RESULTADOS

### Anos iniciais e anos finais: o que há nestes tempos?

*Não aguento ser apenas  
um sujeito que abre portas,  
que puxa válvulas, que olha  
o relógio, que compra pão  
às 6 horas da tarde, que  
vai lá fora, que aponta lápis,  
que vê a uva etc. etc.*

*Perdoai  
Mas eu preciso ser Outros.  
(Manoel de Barros)*

Como nas palavras do poeta Manoel de Barros, os sujeitos podem ser infinitas possibilidades. A escola pode oportunizar formas de constituição de outros, a partir de nós mesmos. O que há nos tempos dos anos iniciais e anos finais?

É com grandes anseios que as crianças chegam aos anos iniciais. Parte dessa ansiedade surge das antigas concepções, ainda que muito utilizadas, de que somente a partir dos anos iniciais se constituem os processos da educação formal. É fato, que a partir desta etapa, o processo de escolarização e de instrução escolar acaba se efetivando com maior rigor, salva exceções. Infelizmente, ainda é habitual o pensamento de que a partir desse tempo os alunos precisam sentar-se em filas, passar por testes e provas, aprender a ler, escrever e calcular, por vezes, ignorando as importantes construções até aí feitas. O tempo que acaba por se visualizar, neste caso, é o de repetição, muitas vezes maçantes para os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

A escolha da Geografia se deve, por auxiliar nos processos, coletivos e individuais, de tentativas de compreensão dos cenários mundiais atuais, importantes para um trabalho coerente na escola, que permita ao professor dar sentidos e incumbir responsabilidades aos seus alunos. É uma área de uma discussão ainda recente, mas que proporciona uma aproximação ao entendimento do próprio existir e agir mundo que vivemos. Como defende COSTELLA:



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

A geografia é uma ciência e um conhecimento escolar responsável por uma lógica de pensamento que pode tornar o aluno mais consciente de suas ações e com um poder de reflexão incalculável. Enxergar a geografia de uma forma que possa despertar no aluno a capacidade de entender os acontecimentos fora de molduras temporais e de gavetas epacializadas, conforme o ano em que se ensina, é realmente um diferencial do professor que se enxerga e enxerga as complexidades da nova contemporaneidade. (COSTELLA, 2014, p. 190-191)

O cenário dos anos iniciais é muito semelhante, mesmo que diante de realidades distintas. A figura do professor nesta etapa é geralmente única, havendo a necessidade de o docente trabalhar todas as áreas do conhecimento. Essa característica propõe algumas questões a serem refletidas.

Uma delas, diz respeito ao tempo cronológico que o professor passa com a turma. Isso pode significar que sua atenção e sensibilidade de percepção das necessidades apresentadas pelo grupo, pode ser um fator extremamente positivo para o desenvolvimento do trabalho. Ao mesmo tempo, o professor precisa assumir uma postura essencialmente ética, no sentido de trabalhar realmente o que sente como necessário e também existente na proposta pedagógica da instituição que está vinculado. Freire, contribui para reflexão quanto a postura do professor/educador:

“Devemos sempre estar atentos à leitura que fazem de minha atividade com eles. Precisamos aprender a compreender a significação de um silêncio ou de um sorriso ou de uma retirada da sala de aula. Afinal, “o espaço pedagógico” é um texto para ser constantemente lido, interpretado, “escrito” e” reescrito”. (FREIRE, 1996, p.97).

Ler e reler, escrever e reescrever o espaço pedagógico é um grande desafio no cenário educacional atual. Esse cenário está cada vez mais complexo e dinâmico, a todo instante mais exigente. Muitas vezes, ignorar dúvidas e possíveis temas sugeridos/questionados pelos educandos, pode ser uma válvula de escape ao professor inseguro, não por resultado de sua prática, mas possivelmente pela sua formação.

Quanto à formação dos professores dos anos iniciais, podem-se discorrer alguns quesitos importantes. Geralmente esta formação se direciona a cursos de licenciatura em Pedagogia ou Licenciaturas em áreas específicas. Essa formação, por vezes, é frágil, se resumindo a metodologias e técnicas de ensino. Aqui, ressalta-se a delicada situação de



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

formação de professores de Geografia, e das frágeis concepções que por inúmeras vezes, são trabalhadas nos cursos de Pedagogia/Licenciaturas nas aulas de metodologias de Geografia/ ou metodologia dos estudos sociais.

LARROSA (2010, p. 52) sobre formação aponta que:

“na formação, a questão não é aprender algo. A questão não é que, a princípio, não sabemos algo e, no final, já sabemos. Não se trata de uma relação exterior com aquilo que se aprende (...)”.

E isso a formação de professores, por vezes, não considera. Ainda, nesse sentido, é importante refletirmos que o professor que está em sala de aula não está sem formação. Para pensarmos, PACHECO (2013, p.9) traz que: “os professores fazem cursos, acumulam certificados, sem que isso corresponda à mudança ou resposta aos desafios que encaram na sala de aula.”

Porém, como se dá essa formação? Como ela é desenvolvida, é um aspecto importante para pautarmos. Porque, embora com formação os professores sentem tais lacunas a ponto de não trabalhar/pensar algumas áreas do conhecimento? Eis aqui, a geografia, como exemplo. PACHECO (2013, p.10) contribui:

“talvez porque se tenha esquecido que o modo como o professor aprende é o modo como o professor ensina. Que o modelo predominante da formação universitária é, por vezes, a negação do que se pretende transmitir e que a universidade é... a matriz. Talvez porque se descuidou da necessidade de criar dispositivos de autoformação cooperativa, que rompessem com a cultura do isolamento e autossuficiência que ainda prevalecem em nossas escolas.”  
PACHECO (2013, p.10).

A falta de formação para o trabalho nos anos iniciais implica nas aprendizagens de conceitos importantes relativos à Geografia. A questão não é supervalorizar profissionais desta ou daquela área afim, uma vez que todas as áreas são importantes, ao mesmo tempo em que se encontram intimamente interligadas como uma teia.

O que pode estar ocorrendo com os conceitos geográficos nos anos iniciais, é o trabalho a partir, quase que exclusivamente do livro didático. Esses, geralmente intitulado como o livro de “estudos sociais”. Isso pode trazer implicações nas aprendizagens, uma vez que o livro didático, em geral, é extremamente conteudista e



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

descontextualizado. O livro didático nunca é neutro, sempre surge e está com alguns conceitos e construções implícitas nas entre linhas.

Em contramão a esse pensamento, emerge a alfabetização cartográfica. Nos anos iniciais, é comum o direcionamento a alfabetização da linguagem ou matemática. A alfabetização cartográfica precisa ter a mesma importância que as demais. As construções possíveis, a partir dela, se tornam essenciais porque parte do trabalho com noções geográficas, que estarão intimamente ligadas aos conceitos mais amplos que serão desdobrados ao longo do Ensino Fundamental.

A alfabetização cartográfica pode possibilitar construções importantes para a compreensão dos conceitos. A exemplo disso, pode-se destacar o trabalho de conceitualização de espaço, dimensionando o aluno ao trabalho com mapas. Os mapas representam a síntese de um espaço, o que sugere indispensavelmente a necessidade de compreensão de espaços. Ou seja, os anos iniciais são momentos de aprendizagens diversos e muito potentes. Esse tempo pode simbolizar o início de um processo de construção de relações espaciais, rompendo com a reprodução de tarefas e atividades que estão direcionadas a instrução do aluno. A instrução do aluno é feita por todos. A construção de relações compete ao professor.

Nos anos finais do ensino fundamental, na maioria das escolas, o professor deixa de ser a figura quase que exclusiva. Passa-se, a ter um número maior de professores, fatiando o tempo cronológico em períodos e disciplinas/matérias específicas. As aulas de Geografia passam a ter horário exclusivo, bem como professor. O professor neste caso, nem sempre tem a formação mínima desejada. Habitualmente as aulas de Geografia são acumuladas por professores de formação relativas à História ou Estudos Sociais. Evidenciamos que não fazemos críticas a estas áreas ou professores, apenas resume-se em constatações vivenciadas. É fundamental destacar que as formações divergentes, história, geografia, estudos sociais, tomam conceitos de forma diferente. Não significa que os conceitos e construções devam ser limitados a esta ou aquela área, mas que as concepções de espaço, por exemplo, se distinguem entre as ciências.



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

Deste tempo nos iniciais e finais é que podemos fomentar como um tempo criativo, que supera reproduções, mas que estimule a curiosidade, a criatividade, a experiência e a constante busca, na certeza de nossa incompletude. Essencialmente, podemos nos voltar para um tempo de descobertas que significa conhecimentos a partir de relações de si para si próprio, com os outros e com o mundo.

Essas relações por sua vez, poderiam apontar como uma tentativa de ruptura a ideia de escolarização que, inúmeras vezes estão ligadas a aprendizagens simplistas e técnicas que visam unicamente reprodução de saberes livrescos e descontextualizados. A escola pode ser formadora de sujeitos de relações, e é isso que se precisa fomentar. Freire aponta que:

“O homem está no mundo e com o mundo. Se apenas estivesse no mundo não haveria transcendência nem se objetivaria a si mesmo. Mas como pode objetivar-se, pode também distinguir entre um eu e um não-eu. Isto o torna um ser capaz de relaciona-se; de sair de si; de projetar-se nos outros; de transcender. Pode distinguir órbitas existenciais distintas de si mesmo. Estas relações não se dão apenas com os outros, mas se dão no mundo, com o mundo e pelo mundo (...) O animal não é um ser de relações, mas de contatos. Está no mundo e não com o mundo. (FREIRE, 1979 p. 30)

Assim, o Ensino Fundamental pode ser mais que uma obrigatoriedade de frequência, superando modelos que enfatizam escolarização com princípios de “domesticação”, que fomentam sujeitos passivos, que acabam por expressar dificuldades na compreensão e atuação no espaço geográfico. O espaço geográfico e sua relação com os sujeitos a que nos referimos, surge a partir das contribuições de Freire:

“(...) A educação deve ser desinibidora e não restritiva. É necessário darmos oportunidade para que os educandos sejam eles mesmos. Caso contrário domesticamos, o que significa a negação da educação. Um educador que restringe os educandos a um plano pessoal, impede-os de criar. Muitos acham que o aluno deve repetir o que o professor diz na classe, isto significa tomar o sujeito como instrumento.” (FREIRE, 1999, p.32-33)

Potencializar as tentativas de rompimento com conteúdos fragmentados e com os insistentes processos engessados que algumas escolas vêm se mantendo há alguns séculos, pode ser um caminho instigante a ser percorrido. O Ensino Fundamental poderá propor uma escola em movimento, fazendo-a lutar por mais opções de aprendizagens, de forma que ela assuma os riscos que educar e formar-se exige. A escola virá então a



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

ser protagonista com seu entorno, e o Ensino Fundamental passará a ser de fato como sua denominação propõe: fundamental.

Os sujeitos que frequentam esta etapa de ensino trazem sua cultura, sua leitura de mundo e expectativas que se valorizadas preenchem os conceitos de significados, dando sentidos, efetivando as aprendizagens. Não se pode continuar a manter-se na postura de que somente a escola é quem educa ou, que somente em seu espaço é local para aprendizagens. FREIRE, (1993, pg.13 2010b) alerta de que “ O ser humano jamais pára de educar-se.” Isso implica pensarmos de que esta formação não se dará fora de nosso meio e sociedade a qual ‘pertencemos’ e estamos intimamente imersos. Portanto, aprender só se dá nas relações que estabelecemos com o outro e com o mundo que está na escola, em torno da escola e o que está além dos muros da escola.

## **CONCLUSÃO:**

### **Possíveis caminhos...**

A alfabetização cartográfica pode sinalizar um caminho a ser percorrido tanto nos anos iniciais como nos anos finais, para superar as dificuldades no campo da geografia.

Da mesma forma, a possível escassez de construções que levam à alfabetização cartográfica, ao aluno que “passa” dos anos iniciais para os finais, pode dificultar suas compreensões a partir de relações, das possibilidades de reflexões críticas. Paralelamente, não há predisposição de tempo (carga horária, dias letivos) hábil para que se retome todas essas construções, embora isso seja extremamente fundamental.

Torna-se evidente de que, a mudança não está somente pautada na etapa de ensino (dos anos iniciais para os finais), mas nos conhecimentos e construções que os educandos precisam ser oportunizados ao longo deste ‘tempo’ de escola e de vida, para uma formação que além de considerar o contexto, possa considerar o aluno em suas múltiplas dimensões, sua totalidade.



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

É na ciência geográfica que se problematizam a formação do local que vivemos, trazendo aspectos importantes a seres valorizados, tais como: a cultura, o conhecimento do lugar, as relações espaciais das paisagens e principalmente a construção do espaço.

As contribuições de Milton Santos (2004) surgem no sentido de exemplificar essas novas compreensões do espaço:

Os movimentos da sociedade, atribuindo novas funções às formas geográficas, transformam a organização do espaço, criam novas situações de equilíbrio e ao mesmo tempo novos pontos de partida para um novo movimento. (SANTOS, 2004, p. 106)

O trabalho com a Geografia escolar tem se constituído ao longo do tempo, um desafio para aqueles que estão interessados/preocupados quando consideram a geografia como estudo de mundo. O estudo é capaz de aproximar os sujeitos ao seu contexto, significando-o. A tentativa que mais nos aproxima da qualificação da prática pedagógica na escola, no ensino de geografia, passa pelo investimento na alfabetização cartográfica, considerando os processos de construção do conhecimento, para a elaboração de objetivos de aprendizagens significativos.

A característica que pode se refletir a partir disso, é a necessidade de relações que temos que construir nas diversas etapas que compreendem a Educação Básica. As relações precisam perpassar a mudança de etapas, níveis, entre áreas do conhecimento e sociedade. A necessidade emergente parece-nos ser a potencialização de sujeitos de relações e inter-relações.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, LEI Nº 5.692, DE 11 DE AGOSTO DE 1971 – **Fixa Diretrizes e Bases para o Ensino de 1º e 2º graus e dá outras providências**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF. 12/08/1971. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l5692.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5692.htm) Acesso em: 20/04/2014

BRASIL, “Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996 – **Estabelece as Diretrizes e bases da Educação Nacional**”, Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 23.12.1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm) Acesso em: 20/04/2014.



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil**, Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 05/10/1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm) Acesso em: 20/04/2014.

COSTELLA, Roselane Zordan. **Ensinar o que... Para que... Quando... Desafios da geografia na contemporaneidade**. In MARTINS, Rosa Elisabete M. W. et. Al. (Orgs) Ensino de Geografia no Contemporâneo: experiências e desafios. Santa Cruz do Sul. Edunisc, 2014. 288 p.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 17ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: Saberes Necessários à Prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996

\_\_\_\_\_. **Educação e mudança**. Traduzido por Moacir Gadotti e Lílian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

\_\_\_\_\_. **Política e Educação**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2001b.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. 5ª Ed. Traduzido de Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

PACHECO, José. **Escola da Ponte: formação e transformação da Educação**. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

SANTOS, Milton. **A natureza do Espaço Geográfico: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4ª Ed. São Paulo, Edusp, 2004.